

COMO DESENHAR UM ELEFANTE

JAIME BERTOLUCI

De todos os animais selvagens, o elefante é o mais manso e gentil; pois qualquer deles é capaz de instrução e inteligência. É uma criatura muito sensível e abundante em intelecto.

Aristóteles, *História dos animais*.

Em *A viagem do elefante*, seu penúltimo livro, José Saramago faz mais um exercício de metaficção historiográfica ao recriar a viagem da caravana incumbida de transportar, de Belém a Viena, o (segundo) presente de casamento que o monarca português Dom Manuel III — concordando com “uma ideia excelente” de sua esposa, Dona Catarina de Áustria — decidiu dar ao Arquiduque Maximiliano II, primo da rainha e atual regente de Espanha: nada menos do que o elefante Salomão, vindo da Índia havia dois anos e desde então abandonado em Belém sob os cuidados de seu cornaca, indiano como ele, Subhro (SARAMAGO, 2008). Os registros históricos dessa viagem, ocorrida entre 1551 e 1552, são escassos, de modo que a caravana é impulsionada exclusivamente pela imaginação de Saramago, que acompanha os portugueses de Belém a Castelo Rodrigo, na fronteira com a Espanha, e dali, por um caminho semidesértico, a Valladolid, onde o elefante passa a ser conduzido pelos austríacos; chega à Catalunha, cruza o Mediterrâneo até o sul da Itália e rumo para o norte até os contrafortes gelados dos Alpes, atravessados em uma façanha semelhante à dos ancestrais de Salomão, dezessete séculos antes, a serviço de Aníbal, no avanço do célebre general cartaginês sobre a Península Itálica no início da Segunda Guerra Púnica (218-201 AEC); segue pela estrada fluvial que é o Danúbio até Linz e finalmente chega (ainda estamos nos referindo à imaginação de Saramago) a Viena, por terra, pois Maximiliano não queria ser recebido na capital

“num cais atulhado de caixotes, sacos de todo o tipo, fardos disto e daquilo, no meio do lixo, com a multidão a atrapalhar.” (p. 247).

A crítica é virtualmente unânime em afirmar ser esta a mais leve e bem-humorada narrativa de Saramago — peculiaridade geralmente atribuída ao fato de o escritor ter passado por um longo período com a saúde precária — como se lê em uma das primeiras resenhas do livro, escrita alguns meses após sua publicação (COSTA, 2009):

Há quem diga que a carícia da morte devolve-nos uma leveza e um certo humor que perdemos com o transcorrer dos anos. Fato é que em “A Viagem do Elefante” encontramos um Saramago mais leve, consciente da importância da sua literatura, porém ciente, também, de que talvez já tenha dito o que havia para se dizer, e que a esta altura de sua vida e carreira importa mesmo o prazer de escrever uma boa história.

Devemos nos lembrar, contudo, que Saramago ainda tinha o que dizer sobre um de seus temas mais constantes e polêmicos, “a crítica à religião (a católica), a crítica à Instituição religiosa (a igreja e seus representantes) e, fundamentalmente, a crítica ao modo como se desvirtuam, em proveito próprio, valores humanistas e humanitários” (ARNAUT, 2011, p. 32), e que de fato o fez, tanto neste livro como em sua derradeira obra, *Caim* (2009). Ana Paula Arnaut (2006) incluiu esses dois últimos romances na fase que denominou de “romances fábula”, inaugurada, segundo a autora, com *As intermitências da morte*:

A diferença substancial que lemos em *As Intermitências da Morte*, *A Viagem do Elefante* e *Caim* é relativa, sim, por outro lado, ao tom marcadamente cômico e à cor, agora mais suave, a que o narrador/autor recorre para construir a acção, os temas que a percorrem e as personagens que lhe dão vida. [...] Deixemos claro, no entanto, que, neste [*Caim*] como nos outros romances do ciclo, a predominância dos efeitos cômicos, ou a maior leveza na escolha da matéria-prima da narrativa, bem como do modo como a expõe, não significa a ausência de uma profunda preocupação com a condição humana (ARNAUT, 2011, p. 26-27).

Estando plenamente de acordo com as proposições acima, apenas acrescentaríamos, ao final da última frase, “... e com a condição dos animais.”, conforme Bertoluci (2020a, b) e como veremos mais à frente.

Apropriando-nos descaradamente da resenha da Companhia das Letras, editora responsável pela publicação do livro no Brasil, resumimos como segue a tarefa do escritor e seu *modus operandi*, advertindo desde já o leitor de que nosso interesse recairá quase que exclusivamente sobre a figura do elefante:

Com sua finíssima ironia e muito humor, sua prosa que destila poesia, Saramago reconstrói essa epopéia de fundo histórico e dela se vale para fazer considerações sobre a natureza humana e, também, elephantina. Impelido a cruzar meia Europa por conta dos caprichos de um rei e de um arquiduque, Salomão não decepcionou as cabeças coroadas. Prova de que, remata o autor, sempre se chega aonde se tem de chegar.

1 Três elefantes ficcionais

Apesar de ser uma verdade universalmente reconhecida que “os animais nunca deixaram de se inscrever de maneira incisiva no imaginário poético e ficcional do Ocidente” e que, conseqüentemente, “um olhar sobre a história da literatura ocidental permite-nos dela extrair também uma história literária dos animais” (MACIEL, 2007, p. 198), a presença de elefantes na literatura, sobretudo como personagens importantes, é relativamente escassa. Não tendo a intenção de apresentar uma revisão da representação de elefantes na literatura ocidental — que pode ser encontrada na Wikipedia¹ —, restrinjo-me a três exemplos envolvendo elefantes indianos que, de algum modo, estão relacionados a este livro.

O elefante branco do Sião do “conto policial” de Mark Twain (1835–1910), *O roubo do elefante branco* (1882), tem o nome singelo de Hassan Ben Ali Ben Selim Abdallah Mohammed Mois Alhammal Jamsetjeebhoy Dhuleep Sultan Ebu Bhudpoor e a alcunha, por motivos óbvios, de Jumbo. Na rota entre a Tailândia e a Grã-Bretanha, onde seria ofertado à rainha Vitória como um presente do soberano siamês, aporta em Nova Iorque e logo desaparece. Com verve e ironia típicas, Twain descreve a grande investigação em que a polícia local se envolve para resolver o caso, mas tudo termina em tragédia para o elefante, que mal aparece na história (TWIN, 1993, p. 39-57).

Seguindo a tradição (histórica) de presentear soberanos europeus com elefantes — ou girafas, rinocerontes e outros animais exóticos, que precisam realizar longas viagens para chegar às mãos de seus novos donos — *Um elefante*

para *Aristóteles* (1958) é também uma metaficção histórica de L. Sprague de Camp (1907–2000), prolífico escritor estadunidense mais conhecido por seus 120 livros e mais de 400 contos e artigos, principalmente de ficção científica e fantasia, e por seu papel como “segundo pai” de *Conan, o bárbaro*. Nessa obra, um comandante da cavalaria tessalônica é encarregado por Alexandre Magno de conduzir um elefante da Índia para Atenas, como um presente para seu antigo tutor Aristóteles; o grupo que conduz o elefante, formado por pessoas de diferentes culturas (um guerreiro persa, um cornaca indiano e um mercador sírio, além de um soldado e um filósofo gregos) e falando mais línguas e dialetos que em Babel, enfrentam diversos perigos em terras hostis, mas tudo leva a um final feliz, com direito a um romance para o comandante (DE CAMP, 1958). Note-se que este elefante teve seu nome mudado de Mahankal para Alas, como acontecerá com Salomão, por carta, antes mesmo de deixar Portugal.

No conto *Toomai dos elefantes* (1893), Rudyard Kipling (1865–1936) descreve o rito de passagem de um menino da quarta geração de uma tradicional família de cornacas, Toomai Pequeno. Guiado pelo elefante usado por seu pai na captura de elefantes selvagens, Kala Nag, que “durante quarenta e sete anos serviu ao governo indiano de todas as maneiras de que um elefante é capaz” e que contava com quase setenta anos de idade, Toomai presencia “o que nunca a homem algum fora dado ver — a dança noturna dos elefantes, sozinho, no coração das montanhas Garo”, um grande feito que transforma o pequeno cornaca em Toomai dos Elefantes (KIPLING, 1996, p. 155-182).

Tentarei aqui mostrar que nenhum outro elefante usado em uma narrativa ficcional como personagem central foi desenhado com tantos detalhes reais, principalmente de comportamento, e ao mesmo tempo com tanto lirismo como este nosso Salomão, com quem simpatizamos desde o primeiro banho e pela memória de quem juntamos pelo menos uma lágrima às muitas que a rainha portuguesa há de derramar na última linha da narrativa.

2 Desenhando seu próprio elefante

A *viagem do elefante* é o único romance de Saramago cujo personagem principal não é humano. No início da narrativa, coloca-o, “por natural primazia e obrigado protagonismo”, como a principal figura de sua história, reservando ao cornaca a segunda posição, que, nas palavras do narrador, ainda deve ser disputada com o arquiduque (p. 34). Ao final da leitura optamos por colocar o cornaca em segundo lugar, sem qualquer dúvida, com o que Saramago talvez concordasse.

Como se pintasse uma tela cubista de Picasso ou Braque, Saramago desenha Salomão de diferentes pontos de vista, mirando simultaneamente através dos olhos de seus múltiplos personagens (rei, rainha, secretário, cornaca, comandantes,

soldados, gente do povo, arquiduque, padre etc.). A escassez de referências históricas dessa viagem deu a Saramago a oportunidade de caracterizar livremente a visão que os personagens importantes teriam do elefante, tanto os históricos (o casal real português e o arquiduque) como os anônimos (o cornaca, os comandantes dos dois países e o padre), impondo sua própria visão de autor-narrador e legitimando sua eloquente declaração: “O narrador sou eu, e eu sou as personagens, no sentido de que sou o senhor desse universo” (AGUILERA, 2010, p.193).

2.1 Pelos olhos da realeza

A princípio, a rainha considera o elefante um estorvo, pois, desde que chegara a Portugal, trazido de Goa, “não tem feito outra coisa que não seja comer e dormir”, “é como se estivéssemos a sustentar uma besta à argola, sem esperança de pago.” O rei nos parece mais razoável (“O pobre bicho não tem culpa, aqui não há trabalho que sirva para ele”) e compassivo, tendo-se negado a mandar Salomão aos estaleiros do Tejo para transportar tábuas, pois “o coitado iria padecer, porque a sua especialidade profissional são os troncos, que se ajeitam melhor à tromba pela curvatura.” (p. 13), referindo-se ao uso intenso de elefantes asiáticos no trabalho de madeireiras. Após terem decidido pela partida do elefante, contudo, a rainha sente, “lá no íntimo profundo, que é onde se digladiam as contradições do ser”, uma dor súbita “por deixar ir o salomão sozinho para tão distantes terras e tão estranhas gentes” (p. 14).

O rei valoriza o elefante “numa passagem estratégica da carta” (totalmente concebida e redigida por seu secretário, cumpre ressaltar) que seria enviada ao arquiduque, afirmando que nada havia de mais valioso em seu reino, “quer pelo sentimento unitário da criação divina que liga e aparenta todas as espécies umas às outras, há mesmo quem diga que o homem foi feito com as sobras do elefante, quer pelos valores simbólico, intrínseco e mundano do animal” (p. 15). Sem nos estender muito, dessa frase densa de conteúdo podemos extrair uma mistura um tanto irônica de criação divina e evolução orgânica (duas visões contraditórias da origem dos organismos) e uma referência imprecisa à origem de Ganesha, deus indiano com cabeça de elefante, deixando-nos ainda a refletir sobre o valor desse animal nas diferentes culturas, quer seja como símbolo, por sua utilidade prática ou simplesmente por seu natural direito à vida. Como não poderia deixar de ser, tratando-se de José Saramago, a história de Ganesha será usada em outras partes do livro em contrapontos divertidos entre as religiões indiana e católica.

Disposto a inspecionar o elefante antes de encaminhá-lo ao arquiduque, o rei parte em comitiva para Belém. Impedida pelo marido de acompanhá-lo na visita, a rainha reclama silenciosamente que ninguém em todo o universo ama mais esse

animal do que ela própria, merecendo de Saramago o comentário de que “as contradições do ser iam em aumento” (p. 18). Revendo o elefante, o rei espanta-se com sua sujeira e revela seu verdadeiro desprezo pelo animal (e, de quebra, por Viena):

[...] o rei observava o espetáculo com irritação e repugnância, repeso de ter cedido ao impulso matutino de vir fazer uma visita sentimental a um bruto paquiderme, a este ridículo proboscídeo de mais de quatro côvados de altura que, assim o queira deus, em breve irá descarregar as suas malcheirosas excreções na pretensiosa viena de áustria (p. 20).

Na esperança de que havia outro elefante por trás de toda aquela sujeira, ordena que o lavem imediatamente, mas queda frustrado pelo esplendor “bastante relativo” do novo Salomão: “A pele do elefante asiático, e este é um deles, é grossa, de cor meio cinza meio café, salpicada de pintas e pelos” (p. 21-22). Apesar de toda a sua decepção com a nova aparência do animal, o rei diz que ninguém quer ver o elefante ir embora, “estranho caso, não é gato que se roce nas nossas pernas, não é cão que nos olhe como se fôssemos o seu criador” (p. 28), e preocupa-se com seu bem-estar, dando instruções detalhadas ao estribeiro-mor para os preparativos da viagem, para que não lhe falem forragem e água, pois “ainda que seja certo que no nosso portugal não vão faltar rios nem ribeiras onde o salomão possa beber e chafurdar, o pior é essa maldita castela, seca e resseca como um osso exposto ao sol” (p. 29). Não se esquece também de mandar providenciar roupas novas para o cornaca, para não fazer má-figura diante da corte austríaca.

A rainha declara que não deseja ser informada da partida de Salomão, e sua fala é interrompida pelo choro. “Uma rainha a chorar é um espetáculo de que, por decência, todos estamos obrigados a desviar os olhos. Assim o fizeram o rei, o secretário de estado e o estribeiro-mor.” (p. 30). Dez dias mais tarde, inicia-se a viagem do elefante rumo a seu destino incerto, enquanto “numa câmara do palácio, na meia escuridão do dossel, a rainha dorme e tem um pesadelo. Sonha que levaram o salomão de belém, sonha que pergunta a todas as pessoas, Por que não me haveis avisado” (p. 32).

Ao final do romance, ao saber da morte precoce de Salomão em Viena, “Dom João terceiro fez um gesto de surpresa e uma sombra de mágoa cobriu-lhe o rosto. Mande chamar a rainha, disse.” Apressou-se a rainha a atender o chamado do marido, como que adivinhando boas notícias, mas quando o rei murmurou “Diz aqui o primo Maximiliano que o Salomão. A Rainha não o deixou acabar, Não quero saber, gritou, não quero saber. E correu a encerrar-se na sua câmara, onde chorou todo o resto do dia.” (p. 256).

2.2 O arquiduque e o elefante

A visão de Salomão que Saramago põe nos olhos do arquiduque, que recebe pessoalmente seu presente em Valladolid, na Espanha, e prossegue com ele para Viena, é no mínimo dúbia. O regente presencia um banho do elefante, muda seu nome para Solimão e, para inveja do arcebispo da cidade, faz “uns quantos criados lhe lançarem por cima uma enorme gualdrapa em que mais de vinte bordadores haviam trabalhado durante semanas, sem interrupção, uma obra que dificilmente encontrará par no mundo, tal a abundância de pedras que, embora não sendo de todo preciosas, brilhavam como se o fossem, mais o fio de ouro, os opulentíssimos veludos” (p. 149).

Tendo em mente principalmente essa rica gualdrapa, Fritz (novo nome de Subhro) acaba por admitir que o arquiduque trata bem o elefante: “Nem sequer na Índia os elefantes pertencentes aos rajás eram mimados assim”. Contudo, depois de inverter a ordem em que seguia a caravana — agora com o coche real seguindo à frente de todos, tanto para evitar os odores fétidos das dejeções de Solimão como para eliminar a impressão de toda a gente de que o cornaca era uma das grandes figuras da comitiva — a pedido da arquiduquesa a gualdrapa é retirada do dorso do elefante e enviada ao bispo de Valladolid (p. 163-164).

Ao entrarem em Viena, Salomão resgata com a tromba uma menina de cinco anos que cai à sua frente, entrega a menina aos pais, a multidão fica enternecida. O arquiduque aproxima-se do elefante com a arquiduquesa, cumprimenta Fritz e lhe dá boas-vindas: “Que sejas bem-vindo a Viena e que Viena te mereça, a ti e a Solimão, aqui sereis felizes” (p. 251-253). A dubiedade a que nos referimos anteriormente baseia-se na seguinte dúvida: as atitudes do arquiduque tiveram como motivação o bem-estar de Salomão ou sua própria glória?

2.3. O cornaca e seu elefante

Como vimos na breve apresentação que fizemos de *Toomai dos elefantes*, a atividade de cornaca é hereditária e pode-se estender por várias gerações. Saramago soube escolher um bom cornaca para Salomão. A relação entre Subhro e o elefante é, naturalmente, a mais íntima possível. Antes de tudo, este homem está sempre preocupado com as necessidades básicas do animal, dentre as quais destaca-se — nessa situação de exceção de longuíssima jornada e já que não há o que reclamar da alimentação e da água — a necessidade de descansar periodicamente. Logo após a partida, Subhro precisa convencer o comandante português de que devem seguir o ritmo do elefante:

A minha ideia é que deveríamos organizar-nos em função dos hábitos e necessidades do salomão, agora mesmo, repare vossa senhoria, está a dormir, se o acordássemos ficaria irritado que só nos daria trabalhos, Mas como pode ele dormir, se está em pé, perguntou incrédulo o comandante, Às vezes deita-se para dormir, mas o normal é que o faça em pé (p. 44-45).

De fato, elefantes asiáticos em cativeiro passam até 49% do tempo descansando durante o dia e até 87% durante o período noturno; dormem poucas horas, à noite, deitando-se muito raramente (REES, 2021, p. 46).

O arquiduque também se incomoda com o que considera um descanso exagerado do elefante, que atrasa a viagem, decreta a redução da pausa para uma hora, mas volta atrás no dia seguinte, diante da argumentação do cornaca: na selva indiana, os elefantes andam muitos quilômetros ao longo do dia, o que seria impossível “num descampado como este, sem uma sombra a que possa acolher-se um gato” (p. 162).

Subhro pretende compreender o pensamento do elefante e adivinhar suas intenções. Em diversas ocasiões, conversa com ele, fala-lhe ao ouvido; quando cai de joelhos na neve, pede gentilmente que se levante. Às vezes atribui ao elefante uma consciência quase humana, convencendo-se de que o animal está fingindo ou vendo nele “todo o ar de desejar que o desculpassem de alguma traquinice” (p. 217). Em um dos vários momentos em que teme pelo futuro de ambos, tem uma súbita revelação, “a de amar aquele animal e não querer separar-se dele” (p. 140).

Essa intimidade dá ao cornaca um certo controle sobre as ações de Salomão. Quando decide atender o pedido do padre de Valladolid para que o elefante realize um milagre, implora a Salomão que aprenda a ajoelhar-se sem se deitar. No momento decisivo, diante da igreja, mediante um ligeiro toque em sua orelha direita, Salomão ajoelha-se com as duas patas, para delírio da assistência, que caiu de joelhos, enquanto “a múmia do glorioso Santo Antônio estremecia de gozo no túmulo” (p. 192). É de todo pertinente lembrarmos que a história se passa em meados do século XVI, quando a reforma protestante espalhava-se rapidamente pela Europa e já havia gerado como resposta a implantação da obscura e criminosa instituição católica conhecida como Santo Ofício, que torturou e queimou nas fogueiras da Inquisição mais de cem mil pessoas, a maioria mulheres, ao longo de quatro séculos (KRAMER & SPRENGER, 2020).

Em outra ocasião, o elefante ajoelha-se espontaneamente diante do arquiduque, que pensa ter sido esta uma manobra desleal de Fritz para agradá-lo, pois o cornaca sofria com a frieza com que vinha sendo tratado por ele. Saramago

diz que não, e sugere a possibilidade de que o elefante tivesse querido contribuir para melhorar a relação entre os dois, mas admite enfim a possibilidade de que Fritz tenha mesmo tocado a orelha do animal, ou de propósito ou inadvertidamente. Não podemos saber, “a relação mais exacta, mais precisa, da alma humana é o labirinto” (p. 236-237).

Criaturas muito inteligentes, coisa já ensinada por Aristóteles há mais de dois mil anos, os elefantes que trabalham em atividades madeireiras são capazes de responder a vários comandos verbais e táteis. Elefantes asiáticos têm sido treinados para jogar futebol, e o polo de elefantes é um esporte bem-estabelecido em alguns países asiáticos (REES, 2021, p. 127).

2.4 Um cornaca português de primeira viagem

Os olhos do autor veem o elefante, na maior parte das vezes, como um elefante mesmo, manifestando essencialmente sua natureza biológica em comportamentos típicos de elefantes domesticados, que, como quaisquer outros animais, humanos ou não, recorrem a seus instintos sempre que precisam deles. Dessa forma, Saramago acompanha a caravana por todo o trajeto, mantendo-se atento às necessidades básicas de Salomão — comer, beber, descansar e dormir — e evocando comportamentos característicos da espécie, como tomar banho, chafurdar na lama e esfregar-se em árvores, além de ficar irritado de vez em quando.

Desde sua primeira aparição, em seu cercado em Belém, Salomão dá provas de que adora um bom banho, que, aliás, há muito não vê:

Foi notório o prazer do elefante. A água e a esfregação da escova deviam ter despertado nele alguma agradável recordação, um rio na Índia, um tronco de árvore rugoso, e a prova é que durante todo o tempo que a lavagem durou, uma meia hora bem puxada, não se moveu donde estava, firme nas patas potentes, como se tivesse sido hipnotizado (p. 21).

Durante o trajeto da comitiva por terras portuguesas, Salomão toma vários banhos no Tejo, “alternando-os com voluptuosas chafurdices na lama, o que, por sua vez, era motivo, segundo a lógica elefantina, para novos e mais prolongados banhos” (p. 36). Durante sua evolução, os elefantes podem ter passado por uma fase totalmente anfíbia, havendo registros de elefantes asiáticos nadando por mais de três quilômetros no mar. Elefantes selvagens adoram um banho diário e, na Índia, é dever do cornaca garantir que seu elefante tome um banho completo todos os dias (REES, 2021, p. 202).

Salomão é gentil com quase todas as pessoas. Quando se despede de parte dos portugueses que o acompanharam até Castelo Rodrigo e que agora partem de volta para Lisboa, a uma ordem de Subhro para o primeiro homem da fila, “A mão estendida, a palma para cima”, o elefante “pousou sobre a mão aberta a extremidade da tromba e o homem respondeu ao gesto instintivamente, apertando-a como se fosse a mão de uma pessoa”, e o homem teve que segurar as lágrimas. Um outro homem explodiu em um choro convulsivo, sendo tratado pelo elefante com especial complacência, “Passou-lhe a tromba pelos ombros e pela cabeça em carícias que quase pareciam humanas” (p. 120).

Agora sob a proteção dos austríacos, em Valladolid, ao partir finalmente para seu destino desconhecido, Salomão despede-se dos militares e do comandante português com especial carinho e, quando os soldados vão sumindo em uma curva do caminho, “deixa sair de sua garganta o seu barrito mais sentido” (p. 156).

Em seu papel de cornaca novato, Saramago imita Subhro em seu conhecimento da intimidade dos elefantes: “Se lhes falam ao ouvido em híndi ou em bengali, sobretudo quando estão a dormir, são tal qual o gênio da lâmpada, que, mal saído da garrafa, pergunta, Que manda o meu senhor.” (p. 142). Em um dos muitos discursos anacrônicos da história lê-se que um cronista de Hall, chamado Franz Schweyger, vai escrever que Maximiliano voltou em esplendor de Espanha, trazendo também um elefante que tem 12 pés de altura e “cor de rato”, e opina que Salomão reclamaria disso com uma resposta “rápida, directa e incisiva”: “Não é o elefante que tem cor de rato, é o rato que tem cor de elefante. E acrescentaria, Mais respeito, por favor.” (p. 245). Creio que Salomão não leu essa parte, pois poderia ter forçado Saramago a escrever mais uma cena, que teria forçosamente sido analisada no tópico seguinte.

2.5 Muita gente incomoda um elefante

Em algumas cenas do romance, Salomão está de mau-humor. Subhro tem medo de descer do elefante e de não ser capaz de subir de volta, pois havia o risco de que o animal, “por má disposição, por irritação, ou só para contrariar, se negasse a prestar serviço de ascensor”. (p. 35)

O padre de Valladolid quer ver o elefante com a intenção de exorcizá-lo, “A hora não é a melhor, interveio o cornaca, o elefante tem mau acordar.” (p. 82). Apesar de assim alertado pelo cornaca e depois pelo comandante do perigo que o elefante poderia representar, o padre começou a aspergir a cabeça de Salomão com (uma falsa) água benta:

O reverendo continuava o seu trabalho e, aos poucos, ia-se aproximando da outra extremidade do animal, movimento

que coincidiu com a aceleração das preces do cornaca ao deus ganeixa e com o súbito descobrimento, por parte do comandante, de que as palavras e os gestos que o padre vinha fazendo pertenciam ao manual do exorcismo, como se o pobre elefante pudesse estar possesso de algum demônio. Este homem está doido, pensou o comandante, e no instante mesmo em que o pensou, viu o cura ser atirado ao chão, caldeirinha para um lado, aspersório para outro, a água derramada (p. 84).

O elefante, “a menos de um palmo do alvo do tremendo coice que tinha começado por desferir, travou e suavizou o impacto.” (p. 84). Em vez de machucá-lo seriamente, Saramago preferiu castigar de maneira cômica o padre, que “ajudado pelos héracles locais, já tentava levantar-se, manifestamente dorido da anca esquerda, mas, por todos os indícios sem nenhum osso partido.” (p. 84). Lembramos nesse ponto que o espanto de Maximiliano diante da hipocrisia do padre — pois que somente à hipocrisia podemos atribuir o pensamento tão absurdo de que um animal, que nem deveria ter alma, segundo a própria doutrina que apregoa, possa estar possuído por um demônio — deve-se à sua simpatia pelo movimento reformista (ROCHA & ZOLLNER, 2011, p. 841).

Em passagem anterior, quando um homem se aproximou de forma incauta de Salomão e quase é escoiceado, o narrador alerta o leitor: “Sugere a mansidão em figura quando se olha para ele, porém, caso seja necessário, poderá tornar-se uma fera.” (p. 74-75)

Essa irritabilidade ocasional dos elefantes foi explorada pela romancista estadunidense Patricia Highsmith (1921–1995) — uma das maiores escritoras de suspense do século XX, mais conhecida pela criação do irresistível e diabólico Tom Ripley — no livro (de contos) que melhor revela sua incomum empatia pelos animais, *The Animal-Lover's Book of Beastly Murder* (1975), em que faz os mais variados animais domésticos dirigirem seus instintos homicidas aos seus donos. No conto *Chorus Girl's Absolutely Final Performance*, Vedete é uma elefanta circense solitária que se rebela contra a crueldade de seu novo tratador, com sérias consequências para ambos (HIGHSMITH, 2005).

Os elefantes machos, tanto indianos como africanos, mesmo os domesticados, podem ser fatalmente perigosos para o homem, incluindo seus cuidadores, e para grandes animais, mesmo os de sua própria espécie. Um aumento súbito de testosterona, que pode atingir 140 vezes os níveis normais, coloca-o periodicamente em uma condição denominada *musth*, caracterizada por altos níveis de agressividade e comportamento imprevisível e acompanhada pela secreção de uma

substância fétida produzida pelas glândulas temporais (REES 2021, p. 88-89). Elefantes nesse estado perseguem girafas, atacam e matam rinocerontes e mesmo membros de sua própria família, incluindo filhotes, sendo responsáveis pela morte de inúmeros tratadores. Em um parque na África do Sul (SLOTOW ET AL., 2001), mais de 60 rinocerontes (de duas espécies) foram mortos por elefantes africanos em 10 anos. Na Índia, os elefantes domesticados nesse estado são acorrentados a árvores e deixados sem alimento e água por vários dias, mas seus cornacas são frequentemente capazes de abreviar o estado de *musth*. Em zoos, os machos são presos por até dois meses, e sedativos também podem ser usados.

A literatura registra elefantes em *musth* de diferentes formas, desde o poema épico *Raghuvamsha*, de autoria do mais célebre poeta sânscrito, Kalidasa (século V), até *The Man With the Golden Gun* (1965), terceiro romance (póstumo) de Ian Fleming (1908–1964) da série de James Bond, em que o vilão se torna assassino depois de as autoridades terem matado a tiros seu elefante, que havia causado um grande alvoroço na cidade durante seu período de *musth*.

A vida real traz exemplos dramáticos. Em *Shooting an Elephant* (1936) — ensaio autobiográfico de George Orwell, *pen name* do britânico nascido na Índia Eric Arthur Blair (1903–1950) — o escritor, à época um oficial de polícia de uma cidade da Birmânia, é chamado para resolver o caso de um elefante domesticado que, durante seu período de *musth*, havia escapado das correntes a que havia sido submetido por seu *mahout* (cornaca).

Ele já havia destruído a cabana de bambu de alguém, matado uma vaca, invadido umas barracas de frutas e devorado todo o estoque; tinha também encontrado a van municipal da coleta de lixo e, quando o motorista saltou e fugiu, virou-a de ponta-cabeça e lhe infligiu violências (ORWELL, 2021, p.96).

O cornaca, única pessoa que conseguia controlá-lo, havia saído em seu encalço, mas dirigira-se a direção errada, estando no momento a doze horas do local. Orwell foi então surpreendido pelos gritos de uma velha, que tentava evitar que um grupo de crianças vissem o espetáculo com que se deparou em seguida:

Eu contornei o casebre e vi o cadáver de um homem espalhado na lama. [...] As pessoas disseram que o elefante tinha se aproximado do homem de repente [...] agarrado-o com a tromba, posto a pata em suas costas e o afundado na terra. [...] Ele estava de bruços com os braços abertos e a cabeça inclinada em um ângulo agudo para um lado. O rosto estava coberto de lama; os olhos, esbugalhados; os dentes, à

mostra, em um esgar que expressava uma agonia insuportável. A fricção da pata da fera tinha arrancado a pele de suas costas com a precisão com que se esfolia um coelho (ORWELL, 2021, p. 97).

O policial Blair, portando um “rifle de elefante”, encontrou o animal às margens de um campo de arroz, comendo capim muito tranquilamente, convencendo-se de que seu pico de testosterona havia passado e que não deveria atirar nele. Contudo, fora acompanhado até o local por uma multidão de duas mil pessoas — um “mar de rostos amarelos acima das roupas espalhafatosas, rostos alegres e excitados com aquele bocado de diversão, todos certos de que o elefante levaria um tiro” — que, além do mais, queriam carne. “Eles não gostavam de mim, mas com o rifle mágico em mãos eu era momentaneamente digno de ser observado. E subitamente percebi que precisaria atirar no elefante, afinal.” Sofrendo intimamente, oscilando entre a compaixão pelo animal, que comia “com aquele ar cioso de avós que os elefantes têm”, e a vergonha que passaria diante da multidão de nativos caso não assumisse aquela postura dominante de um *sahib* que esperavam dele, Orwell, para delírio da multidão, acaba abatendo a tiros o agora indefeso elefante, que após um martírio de meia hora, é estripado quase até os ossos. “Quando o homem branco se torna um tirano, é a própria liberdade que ele destrói”. (ORWELL, 2021, p.98-99)

Felizmente, apesar de ser um elefante macho, Salomão não entrou em período de *musth* nesta história.

3 Simpatia, empatia, compaixão

A simpatia e a empatia de Saramago pelos animais, que trouxe para sua obra na forma de um verdadeiro bestiário, podem ser traçadas de volta à sua infância:

[...] [quando criança] eu saía de casa pela manhã e dava longas caminhadas. [...] Eu não me interessava por fantasias, mas pelo que ocorria. Se um sapo me aparecia, eu ficava a vê-lo, quieto, a observá-lo atentamente como o maior tesouro do mundo. Convivi muito com animais: bois, porcos, carneiros, cabras. Convivi com seus cheiros e com essa espécie de vida nada sofisticada que os animais levam. Eu gostava de estar com a natureza sem abstrair dela nada mais do que ela é (SARAMAGO, 1996, s.p.)

Não faz grande distinção entre uns e outros quando discorre sobre a diversidade de animais da caravana (“elefantes, homens, cavalos, mulas e bois”; p.35) ou quando lembra o leitor de que todos têm que “obedecer aos imperativos dos intestinos e da bexiga. Isto, no fundo, são animais, não há que estranhar”. (p. 52). E quando o padre reclama que o elefante tem nome de gente e diz que “os animais não são pessoas e as pessoas tão-pouco são animais”, ouve do cornaca um sonoro “não tenho tanto a certeza disso” (p.82). Em outra ocasião, o autor-narrador filosofa, de forma lírica: “Creio que na cabeça de salomão o não querer e o não saber se confundem numa grande interrogação sobre o mundo em que o puseram a viver, aliás, penso que nessa interrogação nos encontramos todos, nós e os elefantes.” (p. 118)

O que motivou Saramago a escrever essa história foi, afinal, a compaixão, ao saber do destino banal que teve o corpo de Salomão logo após sua morte: “O que me interessou na história deste elefante foi o fim que teve, quando depois de morrer lhe cortaram as patas para servir de bengaleiro à entrada do palácio e lá porem as bengalas, os chapéus, as sombrinhas.” (AGUILERA, 2010, p. 276)

Fiel à decisão (ou intuição) de escrever seu conto de forma leve, Saramago não faz o elefante sofrer durante a viagem, como deve ter sofrido o verdadeiro Salomão. Deixado a descansar durante a caminhada, graças, como vimos, às intervenções enfáticas e convincentes de seu cornaca, e tendo à disposição toda a forragem e a água de que necessita, suas agruras parecem concentradas na travessia dos Alpes. Sofre para subir as encostas nevadas (“não é um elefante feliz”), esticando a tromba para a frente para compensar a inclinação do terreno. O gelo adere aos pelos de seu costado, formando uma placa densa que não pode ser retirada por Subhro, que só faz desorientá-lo quando se desloca da cabeça para a traseira do elefante na tentativa de livrá-lo do gelo. Nosso cornaca português lembra-se do comportamento dos elefantes de esfregarem-se em árvores e lamenta sua ausência aqui (p. 206-209), mas o gelo acaba desaparecendo do dorso de Salomão de forma misteriosa:

Ou bem o elefante, qualquer um, e este em particular, dispõe de um sistema de auto-regulação térmica acidentalmente capaz, após uma necessária concentração mental, de derreter uma camada de gelo de espessura razoável, ou então o exercício de subir e descer montanhas em marcha acelerada fizera que o dito gelo se desprendesse da pele apesar do labiríntico entramado de pêlos que tanto trabalho havia dado ao cornaca fritz (p. 217).

Se Salomão não passou tão maus bocados assim nesta diletta companhia, tanto portuguesa como austríaca, Saramago não deixa passar a oportunidade de criticar o sofrimento dos elefantes de modo geral, quer “quando os azares da vida determinaram que teria de ganhar o triste pão de cada dia transportando troncos de árvore de um lado para outro ou aturando a curiosidade boçal de certos amadores de espetáculos circenses de mau gosto” (p. 166). Censura as pessoas que acreditam que os elefantes de circo se divertem ao serem forçados a equilibrar-se em esferas metálicas em que as patas mal conseguem encontrar apoio e ironiza afirmando que os elefantes, sobretudo os indianos, por sua boa índole, pensam “que é preciso ter muita paciência para aturar os seres humanos, inclusive quando nós os perseguimos e matamos para lhes serrarmos ou arrancarmos os dentes por causa do marfim” (p. 166). Em nova ironia, diz que “entre os elefantes recordam-se com frequência as famosas palavras pronunciadas por um dos seus profetas, aquelas que dizem, Perdoai-lhes, senhor, porque eles não sabem o que fazem. Eles somos todos nós...” (p. 166)

Ao desembarcarem em Gênova, após uma travessia marítima de quatro dias a partir de Girona, a multidão fica admirada com o porte do elefante:

[...] enorme, quase negro, com aquela tromba tão flexível como um chicote, com aquelas presas que eram como sabres apontados, as quais, na imaginação dos curiosos, ignorantes do temperamento pacífico do solimão, teriam sido poderosas armas de guerra antes de chegarem a transformar-se, como inevitavelmente sucederá, nos crucifixos e relicários que têm coberto de marfim trabalhado o orbe cristão (p. 175).

4 Outros bichos

Saramago gostava tanto de cães, como já sabemos (BERTOLUCI 2020a), que não se esquece de evocá-los, sente a falta deles quando a “caravana de homens, cavalos, bois e elefante foi engolida definitivamente pela bruma”, tão espessa que mais parecia que todos, homens e animais, deslocavam-se em meio a um puré de batata: “Um cão é um seguro de vida, um rastreador de rumos, uma bússola com quatro patas” (p. 86). Chega a lamentar a ausência aqui de seu cão ficcional preferido, quando, em meio àquele nevoeiro espesso, um homem fica perdido e teme morrer de frio ou ser devorado pelos lobos, e “tudo isto, ó sorte mofina, sem um cão para enxugar-lhe as lágrimas quando o grande momento chegasse.” (p. 88). Claro está que o autor se refere ao “cão das lágrimas”, personagem compassivo criado em

Ensaio sobre a cegueira (1995) e que acompanha sua dona, e tem a mesma sorte que ela, em *Ensaio sobre a lucidez*, quase dez anos mais tarde (2004).

Quem não tem cão, caça com lobos. Um pequeno grupo de três lobos ibéricos surge no alto de uma colina e põe-se a observar a caravana, trazendo apreensão para os homens. Fala-se deles com admiração, mas logo vão-se embora, poeticamente: “Agora, recortados primeiro contra o fundo de nuvens e movendo-se como se em vez de andar deslizassem, os lobos, um a um, desapareceram.” (p. 105). Os lobos não tornam a aparecer, a não ser na história que Subhro ouve de um dos homens do grupo e que repete ao comandante português. Conta de uma vaca que se havia perdido nos campos com sua cria de leite e que se vê forçada a defender-se e ao bezerro contra toda uma alcateia durante doze dias e doze noites “com frio, e chuva, e gelo, e lama, e pedras como navalhas, e mato como unhas, e breves intervalos de descanso, e mais combates e investidas, e uivos, e mugidos”, e ainda assim amamentava o vitelo. Foi encontrada e salva pelo dono, que ironicamente a matou depois de dois dias por ter-se tornado brava e indomável, pois “tendo aprendido a lutar, aquele antes conformado e pacífico animal não poderia parar nunca mais”. Impossível não ver aí uma metáfora para os oprimidos. É claro que a história, de todo inacreditável, foi questionada (por um soldado que entendia de lobos), e, após uns ajustes aqui e ali, todos concordaram que a heroica vaca deve ter-se perdido e lutado e ferido, no máximo, um lobo, “e depois se deixou ali pastando e dando de mamar ao vitelo, até ser encontrada.” (p. 114-116).

Desde Valladolid sob a escolta do arquiduque, o elefante e o cornaca embarcam em um navio no porto de Rosas, em território catalão, com destino a Gênova, de modo que os bois e homens que transportavam a água e a forragem de Salomão puseram-se no caminho de volta a Valladolid e daí para casa. Em um meta-discurso notável, enquanto aguarda que o arquiduque venha inspecionar o elefante no convés, o narrador nos tranquiliza quanto ao destino dos bois que voltavam para Lisboa:

[...] enquanto [o arquiduque] chega e não chega, tranquilizemos os leitores, que tão preocupados têm andado pela falta de informações sobre o carro de bois [...] o carro de bois vai no seu caminho, rumo a Valladolid, onde donzelas de todas as condições estão entretecendo colares de flores para adornar com eles a cornamenta dos bovinos à chegada [...] ao que parece uma delas ouviu dizer [...] que era um costume antigo, talvez do tempo dos gregos e romanos, esse de se coroarem os bois de trabalho, e, tendo em conta que caminhar, entre ir e voltar, duzentas e oitenta léguas, não era insignificante labor (p. 170).

Essa suavidade com que o narrador-de-Saramago-ele-mesmo fala do destino dos bois contrasta diametralmente com a crueza com que descreve o sofrimento e a morte dos bois que puxam os carros que transportam as pesadíssimas pedras e o enorme calhau destinados à construção do convento de Maфра em *Memorial do convento* (1982) (SARAMAGO, 2000; BERTOLUCI, 2020b). Tenho a impressão de que assim o faz para contrastar, segundo sua visão, a dignidade dos dois trabalhos: digno, no caso de manter vivo o inocente Salomão.

Durante um diálogo com o padre, um aldeão (um alter ego de Saramago) questiona-o sobre a lógica da morte dos porcos que se afogam no mar da Galileia porque Jesus transferiu para eles os demônios exorcizados de uns endemoninhados das imediações.

Não percebo por que tinham esses porcos que morrer, está bem que Jesus tenha feito o milagre de expulsar os espíritos imundos do corpo do geraseno, mas consentir que eles entrassem nuns pobres porcos que nada tinham que ver com o caso, nunca me pareceu uma boa maneira de acabar o trabalho, tanto mais que, sendo os demónios imortais, porque se não o fossem Deus ter-lhes-ia acabado com a raça logo à nascença, o que eu quero dizer é que antes que os porcos tivessem caído à água já os demónios se haviam escapado, em minha opinião Jesus não pensou bem [...] (p. 79).

O caso dos porcos é tão caro a Saramago, que ele retorna ao tema mais à frente, com redobrada ironia, quando Salomão realiza o “milagre”, encomendado pelo padre ao cornaca, de ajoelhar-se diante da igreja:

[...] não é todos os dias que um elefante se ajoelha solenemente à porta de uma basílica, dando assim testemunho de que a mensagem evangélica se dirige a todo o reino animal e que o lamentável afogamento daquelas centenas de porcos no mar da galileia foi apenas resultado da falta de experiência, quando ainda não estavam bem lubrificadas as rodas dentadas do mecanismo dos milagres (p. 194).

Na verdade, pensando melhor, o caso lhe é caríssimo; a mesma indignação pelo sofrimento e perda daqueles animais inocentes, sem nenhum resultado

relevante em termos de diminuição do mal no mundo, já havia sido expressa em *História do cerco de Lisboa* (1989):

[...] assim como há milagres para o bem, também os tem havido para o mal, testemunhem-no aqueles infelizes porcos da Escritura que se lançaram ao precipício quando o Bom Jesus lhes meteu no corpo os mafarricos que no endemoninhado estavam, de que resultou padecerem martírio os inocentes animais, e só eles, pois muito maior tinha sido a queda dos anjos rebeldes, logo feitos demónios, quando do motim, e, que se saiba, não morreu nenhum, com o que não se pode perdoar a imprevidência de Deus Nosso Senhor que por essa desatenção deixou fugir a oportunidade de lhes acabar com a raça por uma vez (SARAMAGO, 2003, p.19).

Duas outras passagens do livro manifestam compaixão pelo sofrimento dos animais. Na primeira, os soldados austríacos temem que os cavalos quebrem a perna no gelo; na segunda, quando se anuncia a morte de Salomão, o narrador lamenta que os animais “simplesmente morrem sem uma enfermeira que lhes ponha a mão na testa” (p. 255).

5 As duas mortes de Salomão

Saramago sintetiza o desfecho da história em menos de duas páginas (p. 255-256). Começa por informar ao leitor que “O elefante morreu quase dois anos depois [de ter chegado a Viena], no último mês de mil quinhentos e cinquenta e três”, mas poderia ter dito “menos de dois anos depois”. Explico: Salomão nasceu em cativeiro, na Índia, em 1540 (WIKIPEDIA, 2021), tendo, portanto, cerca de 13 anos de idade por ocasião de sua morte. Estimativas atuais da expectativa de vida de elefantes asiáticos em cativeiro na Europa apontam uma média de 47,6 anos, e a análise de 4500 animais concluiu que elefantes em zoos atingem metade da longevidade de seus coespecíficos de populações protegidas em suas áreas de ocorrência natural (REES, 2021, p. 155). De fato, há registros de animais cativos que viveram 86 anos, no Zoológico de Taipei (Taiwan), e pelo menos 77 anos, na América do Norte (REES, 2021, p. 155). Vimos também que Kala Nag chegava aos 70 anos quando ajudou Toomai dos Elefantes, e podemos confiar em Kipling quando se trata de elefantes indianos (KIPLING, 1996). Desse modo, pode-se concluir que Salomão teve morte precoce, merecendo bem cada lágrima da rainha.

“A causa da morte não chegou a ser conhecida”. Sabemos, no entanto, que “Soliman foi colocado em local para visitação, e depois foi conduzido para a *Menagerie*, em Eberdorsdorf, onde permaneceu cerca de um ano e meio, e faleceu por causa de alimenta o inadequada, ou por um descuido do tratador” (ROCHA & ZOLLNER, 2011, p. 843), o que não chega a ser uma surpresa quando se considera o pouco conhecimento que se tinha da biologia dos elefantes no século XVI. Contudo, não podemos descartar o esforço a que o animal foi submetido durante sua caminhada através da Península Ibérica, passando por estradas em mau estado de conserva o e áreas quase desérticas, e pelos vales alpinos gelados, sem contar a viagem de navio através do Mediterrâneo e a subida do Danúbio.

As reações do rei e da rainha   fatídica notícia da morte de Salomão já foram devidamente mencionadas aqui. Quanto a Subhro, recebeu os s l rios que lhe eram devidos e uma “propina bastante generosa, e, com esse dinheiro, comprou uma mula para servir-lhe de montada e um burro para levar-lhe a caixa com os seus poucos haveres.” Disse que voltava a Lisboa, mas não se tem notícia de que l  tenha chegado. “Ou mudou de ideias, ou morreu no caminho.” Mais melancolia que isso são a que virá a seguir.

O que foi feito com o corpo de Salomão e que, como sabemos, chocou Saramago e deu-lhe o desejo de contar essa história foi que esfolaram o elefante e cortaram-lhe as patas dianteiras para fazer recipientes para bengalas, guarda-chuvas e sombrinhas. Entre as informações de que Saramago nos poupou, estão a de que com alguns ossos constr iram um tamborete em que foram gravadas informações sobre o elefante e seu trajeto até Viena e a de que a pele foi taxidermizada e recebeu presas moldadas em gesso. Ambos, tamborete e pele, trocaram de proprietários e de cidade mais de uma vez. Durante a Segunda Guerra Mundial, a pele, que estava em Munique desde 1928, embolorou, e das sobras foram feitas solas de sapato (ROCHA & ZOLLNER, 2011).

“Como se v e, a Salomão não lhe serviu de nada ter-se ajoelhado.” Como se v e, Saramago ironiza os dogmas católicos sempre que pode, e ele pode sempre.

O leitor que se interessar pelos detalhes históricos da peregrinação dos restos de Salomão pelas cidades e museus da Alemanha ou pelos registros iconográficos de sua passagem pelos países que atravessou deve consultar Rocha & Zollner (2011), Fonseca (2016) e Wikipedia (2021) e as referências   citadas.

Ficarei aqui, ao lado de Saramago, lamentando o destino de Salomão e refletindo sobre a brevidade da vida e sobre o papel que nela têm homens, mulheres e animais.

Aquelas patas que tinham andado milhares de quilômetros até chegar a Viena, no fundo era uma metáfora da inutilidade da vida, não conseguimos fazer dela mais do que o pouco que ela é. Que destino! Que destino!

Nota

¹ “*List of fictional pachyderms*”. Uma longa lista de personagens que inclui, além de elefantes, outros paquidermes, como rinocerontes e hipopótamos, e outros meios de representação, como histórias em quadrinhos, cinema e televisão.

Bibliografia

- AGUILERA, Fernando Gómez (org.). *As palavras de Saramago - Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARNAUT, Ana Paula. José Saramago: singularidades de uma morte plural. *Revista de Letras* (UTAD), II série, n. 5, p.107-120, 2006.
- ARNAUT, Ana Paula. Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula (*As Intermittências da Morte, A Viagem do Elefante, Caim*). *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p.25-37, 2011.
- BERTOLUCI, Jaime. Um cão perdido na Lisboa medieval de Saramago. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.34, n.98, p.317-330, 2020a.
- BERTOLUCI, Jaime. Os mansos morrem trabalhando e os bravos, lutando. *Revista USP*, São Paulo, n.125, p.53-66, 2020b.
- COSTA, Viegas Fernandes da. 2009. “*A Viagem do Elefante*” de José Saramago. Sarau Eletrônico, Biblioteca da Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. Acessível em https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=135. Capturado em 17 de maro de 2021.
- DE CAMP, Lyon Sprague. *An Elephant for Aristotle*. Doubleday, 1958.
- FONSECA, Jorge. Uma representação de Salomão, o elefante do príncipe Carlos de Espanha e do arquiduque Maximiliano de Áustria, em Montemor-o-Novo? *Almensor - Revista de Cultura*, n. 2, 3ª série, p.39-45, 2016.
- HIGHSMITH, Patricia. *O Livro das feras (para amantes de animais)*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- KIPLING, Rudyard. *O Livro da selva*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.
- KRAMER, Heinrich & SPRENGER, Joseph. *O martelo das feiticeiras, ou Malleus maleficarum*. 28ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- MACIEL, Maria Esther. Zoopoéticas contemporâneas. *Remate de Males*, Campinas, v.27, n. 2, p.197-206, 2007.
- ORWELL, George. *Dentro da baleia e outros ensaios*. Jandira: Principis, 2021.
- REES, Paul A. *Elephants under human care - The behaviour, ecology, and welfare of elephants in captivity*. Londres: Academic Press, 2021.

ROCHA, Denise & ZOLLNER, Cintia de Vito. Imagens de um elefante indiano, nos anos de 1551 e 1552, em percurso europeu (Saramago). *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina, 2011.

SARAMAGO, José. “A gente, na verdade, habita a memória”. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 21 de setembro de 1996 [Entrevista a José Castello], 1996.

SARAMAGO José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. 25.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. *A viagem do elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, José. *Caim*. Companhia das Letras. São Paulo, 2009.

TWAIN, Mark. *Contos de Mark Twain*. São Paulo: Cultrix, 1993.

WIKIPEDIA. Soliman (Elefant). Acessível em [https://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Soliman_\(Elefant\)&oldid=208080527](https://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Soliman_(Elefant)&oldid=208080527) Capturado em 23 de março de 2021.